África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP 9 1986

AS RELAÇÕES DE TRABALHO NUMA SOCIEDADE DE CULTIVADORES DE ARROZ DA GUINÉ-BISSAU. O CASO DOS BALANTAS DA REGIÃO DE TOMBALI

Pablo Sidersky

INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos tem como preocupação principal o estudo da vida material, da produção, do povo Balanta da região de Tombali (Guiné-Bissau), com o qual convivemos durante quase quatro anos[1].

Julgamos que analisar o sistema de produção enquanto substrato material da sociedade, era a melhor forma de começar a entender a sociedade na qual trabalhávamos.

A escassez de estudos anteriores sobre a sociedade estudada nos levou, ao lado da observação direta, à consulta bibliográfica sobre outros povos rizicultores, inserindo nossa reflexão num contexto mais amplo[2].

É claro que um estudo de caso como este é apenas uma peça de um quebra-cabeça muito maior. Ficaríamos satisfeitos se, simplesmente, a nossa peça ajudasse a compor um quadro mais geral.

O objetivo principal deste trabalho é caracterizar as relações de trabalho na produção de arroz da região estudada.

1 Nossa estada na Guiné-Bissau foi no quadro de um projeto de educação popular para o meio rural, os Centros de Educação Popular Integrada (C.E.P.I.). Este projeto foi elaborado e executado conjuntamente pelo Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau e o IRFED-EDI (Institut de Recherche et Formation Education et Developpment — Education et Développement Interculturels).

2 Existem vários povos cultivadores de arroz na África Ocidental. Eles ocupam as planícies alagadiças do litoral duma região que vai do sul do Senegal até a Serra Leoa.

Para tornar isso possível fazemos primeiramente uma apresentação do contexto. Num segundo parágrafo, apresentamos o sistema agrícola, dando especial ênfase nos tempos de trabalho.

Estes instrumentos nos permitirão tentar, num terceiro parágrafo, uma análise das relações de trabalho.

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A Guiné-Bissau: alguns dados gerais

As características dos solos, do relevo e do clima da Guiné-Bissau permitem dividir o país em duas grandes regiões agro-ecológicas: o litoral e o planalto do interior.

A região do litoral é uma planície baixa, cortada por braços de mar. As marés, particularmente importantes na região, penetram por estes braços de mar, atingindo pontos situados até 100kms da costa, dando origem a grandes extensões de terras semi-emersas, cobertas de mangue.

Na terra emersa a paisagem se diferencia em função da densidade populacional e da pluviosidade (a densidade diminui de Norte para Sul, enquanto que a pluviosidade aumenta); a formação vegetal varia de savana (no Norte) para floresta (em algumas regiões do litoral Sul).

O clima é tropical úmido, com estação seca bem demarcada (o período chuvoso vai de junho até outubro-novembro). Os dados climáticos deixados pelos portugueses falam de 2.500 mm/ano no Sul e de 1.800 mm/ano para o litoral Norte. A temperatura, sendo elevada durante o ano inteiro (t° média, 27°C em maio e 24°C em janeiro, raramente ultrapassa os 35°C[3].

Os solos da região são geralmente de formação recente. As grandes superfícies inundáveis aparecem como o resultado de um processo de depósito de material aluvial.

O planalto do interior é uma planície com uma elevação média de 50—100 m, sulcada por dois rios: o Geba e o Corumbal.

Existem ainda algumas áreas cobertas de florestas, mas a paisagem dominante do interior guineense é a savana, na qual a densidade do estrato arbóreo vai diminuindo para o Leste.

O clima, semelhante ao do litoral, é porém mais seco. A pluviosidade vai diminuindo de Sudeste para Nordeste, atingindo no extremo nordeste 1.000 mm/ano. A umidade relativa do ar é sempre menor no interior e a temperatura média mais elevada.

3 É importante lembrar que, nos últimos dez anos, as chuvas anuais parecem indicar uma marcada diminuição da pluviosidade, não somente na Guiné Bissau, mas em toda a África Ocidental.

O recenseamento de 1979 indicou a população do país: 770.000 hab. Desta, aproximadamente 80% é rural. Um dado importante é que a população é composta por uns trinta grupos étnicos diferentes. Destes, os cinco mais importantes compõem 90% da população[4].

A Região Pesquisada

A nossa pesquisa[5] se desenvolveu principalmente em torno de duas aldeias[6] na região de Tombali.

Esta região encontra-se no extremo sudoeeste do país. A quase totalidade da região se encontra no que nós definimos anteriormente como as planícies do litoral.

As aldeias estudadas se situam onde covergem a terra emersa e o mangue.

A população destas aldeias é de etnia balanta, tradicionalmente grandes cultivadores de arroz. A situação geográfica das aldeias traduz este traço, sendo que os arrozais são instalados em terras baixas, geralmente conquistadas ao mangue.

Tombali é a região mais favorecida da Guiné-Bissau do ponto de vista das chuvas. O posto meteorológico mais próximo às aldeias estudades indica uma média anual superior aos 2.400 mm. Porém, considerando dados mais recentes, as chuvas da região alcançariam os 2.000 mm anuais[7].

Breve descrição do sistema agrícola Balanta

Os Balantas de Tombali são quase que exclusivamente produtores de arroz alagado. Fora os arrozais, objeto do presente estudo, os camponeses de Mato Farroba e Santone cultivavam apenas algumas pequenas parcelas de amendoim, utilizando um sistema de roça e algumas poucas hortaliças.

4 Segundo dados de 1972 a participação dos cinco grupos étnicos mais importantes na população do país era a seguinte: balantas — 32,4%; fulas — 21,5% mandingas — 12.9%; papéis — 7,4%.

5 Os dados de campo foram colhidos pelo Projeto de Pesquisa Camponesa executado pelo IRFED-EDI (ONG francesa) em convênio com o Ministério da Agricultura da Guiné-Bissau. Como membros do IRFED, nós participamos na elaboração do projeto de pesquisa, assim como acompanhamos a sua execução. Além destes dados primários, foram utilizados dados secundários de várias fontes, assim como dados colhidos durante a nossa estada de quatro anos na região estudada.

6 As aldeias de Mato Farroba e Cantone.

7 Em 1982, ano em que foi feita a pesquisa, choveu 2.100mm.

8 Faremos aqui uma apresentação sumária deste sistema agrícola, uma vez que é necessário para entender as relações de trabalho, objeto principal deste ensaio.

É isto que nos autoriza a falar de sistema agrícola balanta quando descrevemos a produção de arroz.

Os Recursos Naturais

Como já dissemos no primeiro parágrafo, a região de Tombali se beneficia de um clima tropical, com pluviosidade anual de mais de 2.000 mm e temperatura média entre 25,6°C e 28,1°C, propícia à cultura do arroz.

A localização das aldeias estudadas garante o acesso a uma grande extensão de solos alagadiços, de declividade muito suave, de formação aluvial recente. Estes solos, de textura areno-argilosa, se apresentam como relativamente férteis e particularmente apropriados à cultura do arroz alagado.

Os Meios de Trabalho

Claude Meillassoux, retomando uma sugestão de Marx, afirma que a terra pode ser considerada meio de trabalho quando ela se "torna produtiva mediante um investimento em energia"[9]. Esta observação nos pareceu extremamente pertinente no que diz respeito aos arrozais dos rizicultores do oeste africano: a preparação de um arrozal em terra de mangue exige uma grande quantidade de trabalho. Como o campo produz, sem interrupções, durante muitos anos, podemos dizer que se trata de um verdadeiro investimento.

Para construir um arrozal são necessárias três operações principais;

- isolar o perímetro do futuro arrozal por meio de um dique, construído em lama e reforçado com estacas;
- eliminar a vegetação natural;
- eliminação do sal, presente no solo.

Os arrozais são divididos em pequenos campos, por meio de pequenos diques secundários. Todo este sistema retém as águas da chuvas durante o tempo necessário ao crescimento do arroz. Existe também um sistema de drenagem que permite evacuar as eventuais sobras.

Estes arrozais exigem, além do enorme esforço da construção inicial, um trabalho anual de manutenção.

Os balantas possuem, assim como os outros rizicultores da África Ocidental, um conjunto de instrumentos próprios. Deste conjunto, o instrumento mais conhecido é o "kebindê", o instrumento com o qual se faz a preparação do solo. Este parece uma pá alongada, feita de madeira,

9 MEILLASSOUX, C. — Femmes, Greniers et Capitaux — Paris, Maspero, 1975.

tendo no extremo uma pequena peça cortante de ferro. O desenho, a elasticidade dos materiais e a habilidade do camponês no manejo do seu instrumento fazem com que o "Kebindê" esteja maravilhosamente adaptado ao meio.

Existem também uma série de instrumentos menores: uma faca especial para a colheita, o facão.

O Balanta de Tombali possui também uma gama de variedade de arroz, com ciclos vegetativos, necessidades hídricas e produtividades diferentes.

As Técnicas de Cultivo

A Preparação do Solo: Esta exige duas "lavouras" do "kebindê": a primeira permite a destruição da cobertura vegetal que pode ter se desenvolvido na entre-safra. A segunda para enterrar as ervas derrubadas e formar os leirões onde será plantado o arroz.

Entre as duas "lavouras", é comum ver as crianças alinharem as ervas derrubadas, facilitando assim a segunda lavoura.

O Plantio do Arroz: Os camponeses balantas utilizam a técnica do transplante. Logo após as primeiras chuvas eles preparam, em solos mais leves perto das casas, os viveiros.

Uma vez prontos os arrozais, as pequenas plantas são arrancadas e transplantadas. Esse trabalho é feito geralmente pelas mulheres.

Os Cuidados da Cultura: Durante todo o ciclo cultural, o camponês realiza uma série de tarefas que têm por objetivo garantir ao arroz as melhores condições possíveis de crescimento e desenvolvimento.

O sistema de parcelas e diques lhe permite controlar, em parte, a água. O sistema está bem adaptado para tirar o máximo proveito da água de chuva. Porém, o camponês não tem como remediar a insuficiência desta.

Quando as parcelas ficam invadidas por ervas, pode ser necessária uma capina. Geralmente a presença de um nível suficiente de água na parcela elimina as ervas concorrentes do arroz.

No tempo da colheita os pássaros são inimigos temíveis do arroz. Cabe às crianças a tarefa de espantá-los.

A Colheita: Ela é realizada manualmente pelos jovens (com a faca da colheita). Depois de colhido, o arroz é transportado para as eiras de debulho, onde é debulhado. Esta operação é feita batendo o arroz com simples paus. A maior parte da colheita é estocada em silos existentes no interior das casas ou construções especiais nos terreiros.

O Calendário Cultural e os Tempos de Trabalho

Por em prática estas técnicas de cultivo, combinando recursos naturais e meios de trabalho, se faz por meio do trabalho humano. *Implica* a realização das tarefas no decorrer do tempo.

O calendário depente sobretudo dos dados climáticos. A estação chuvosa se estende, normalmente, de junho até outubro. Assim, os viveiros são preparados com as primeiras chuvas, no mês de junho ainda. Em julho, agosto e setembro se preparam os campos e se faz o plantio. No final de novembro começam a ser colhidos os campos de arroz de ciclo mais curto. A colheita vai até janeiro. De fevereiro a maio é que se realizam as tarefas de transportar, debulhar e estocar o produto.

As técnicas de cultivo dos agricultores balantas aplicadas se materializam numa quantidade de tempo de trabalho. Apresentamos aqui dois gráficos que representam o tempo de trabalho utilizado por cada unidade de produção para cultivar as suas terras[10].

Distinguimos doze tipos de trabalhos agrícolas e, partindo de fichas de observação dos trabalhos e fichas da atividade cotidiana, contamos o número de dias de trabalho dedicado a cada tarefa (sendo um meio-dia à unidade menor).

Distinguimos o trabalho masculino, o trabalho feminino e o trabalho infantil. Fizemos ainda a diferença, no trabalho masculino e feminino, entre a mão de obra mobilizada no interior da UP[11] (a mão de obra que pertence à unidade doméstica do chefe da UP) e a mão de obra exterior.

Advertimos o leitor que consideramos os gráficos como indicativos, podendo fornecer uma idéia sobre os processos que querem representar. Por exemplo, nós não comparamos um dia de trabalho vigiando os viveiros a um dia de trabalho na preparação do solo.

Características principais das UP:

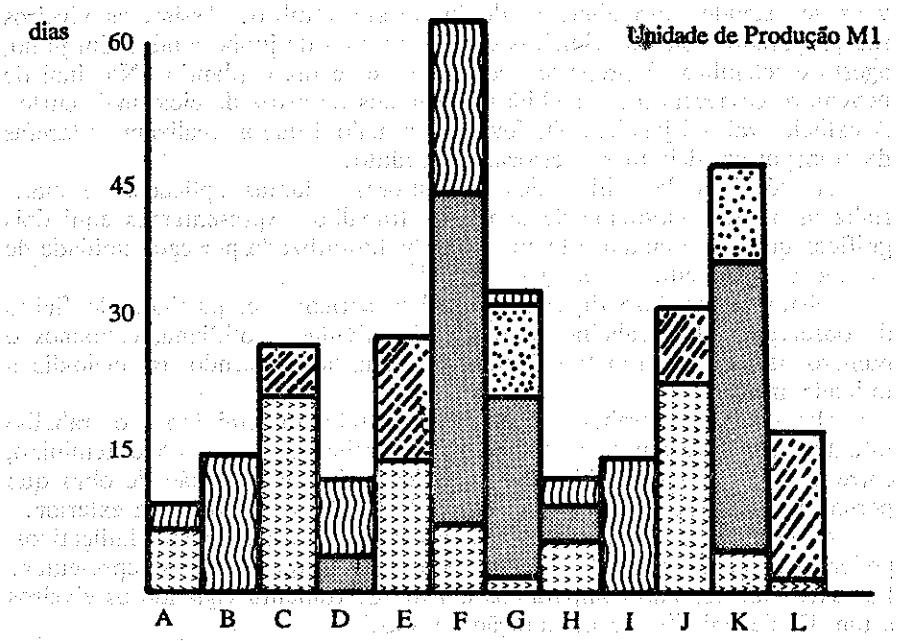
	homens (economicamente ativos)	mulheres (ec. ativas)	superfície arrozais disponíveis
C 1	02	06	6,5 ha
M 1	01	03	3,5 ha

10 A pesquisa de campo foi feita em seis unidades de produção, três em Mato Fanoba e três em Cantone. Por razões de ordem prática apresentamos aqui somente dois a título de ilustração. sendo a UP M1 da aldeia de Mato Fanoba e a UP C1 de Cantone. Não pretendemos inferir que o quadro apresentado seja generalizável a todas as UP da região, já que não temos dados para fazer esta afirmação. Podemos dizer sim que os dados colhidos nas 4 UP restante não contradizem o material apresentado.

11 U.P. — unidade de produção, definida a partir da existência de um silo e uma cozinha. ("solba" em língua balanta).

GRÁFICO Nº 1

Unidade de Produção M1



Trabalho dos homens da unidade de produção

Trabalho das mulheres da unidade de produção

Trabalho masculino de "fora"

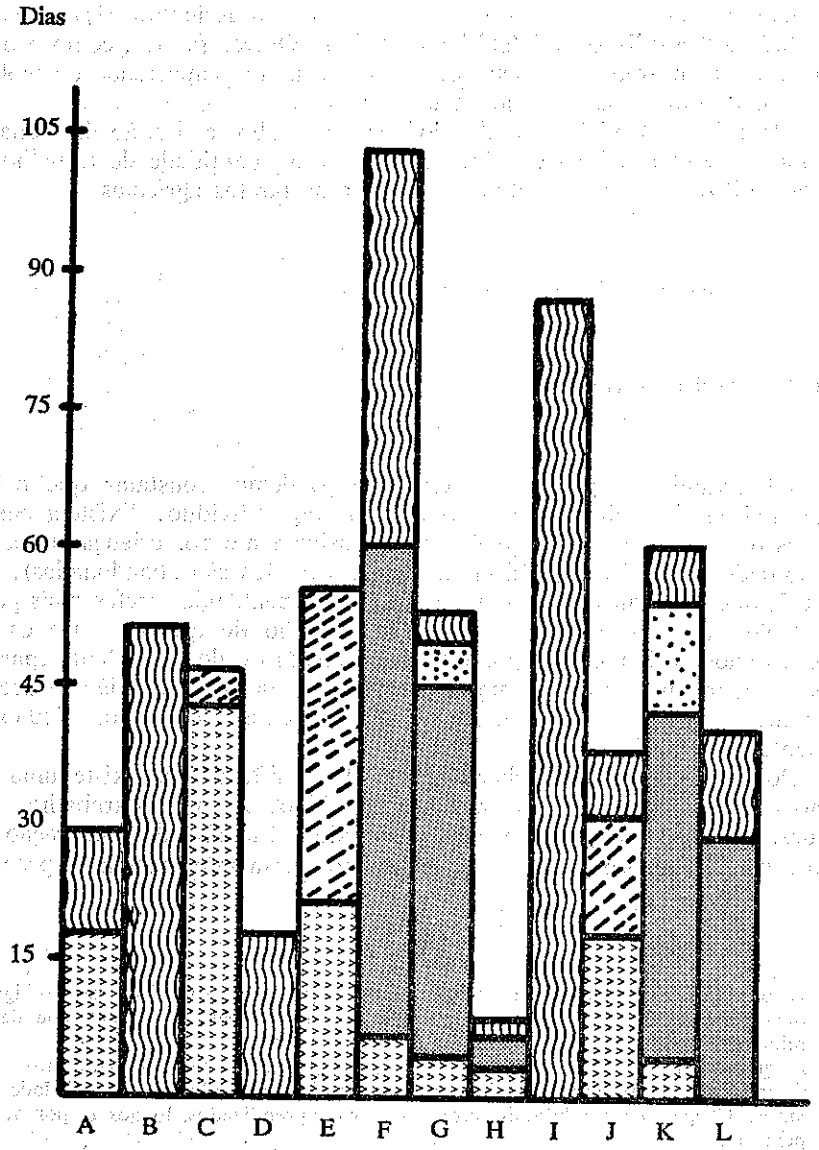
Trabalho feminino de "fora"

Trabalho infantil

Trabalho A: conservação dos diques
B: vigiar os viveiros
C: 1ª lavoura
D: amassar as ervas derrubadas
E: 2ª lavoura
F: arranque das plantinhas do viveiro
G: transplante
H: capina
I: vigiar os arrozais
J: colheita
K: transporte e arrumação do arroz
L: debulho

GRÁFICO Nº 2

Unidade de Produção C1



As diferenças importantes que podemos constatar nos gráficos devem-se principalmtne às características das UP: enquanto que C1 tem mais de seis hectares de arrozais disponíveis para cultivar, M1 só dispõe de 3,5 ha. C1 também dispõe de mais mão de obra na própria unidade doméstica. Porém terra e mão de obra "própria" não são os únicos fatores que determinam as superfícies cultivadas. Por exemplo, a agricultor M1 não cultivou toda a terra disponível (cultivou 2,9 ha). Outros fatores, como o prestígio e o dinamismo do agricultor,[12] influem na sua capacidade de mobilizar mão de obra fora da unidade doméstica[13].

Os gráficos também nos dão informações sobre a divisão do trabalho segundo o sexo e a idade, assim como sobre a quantidade de trabalho de "fora" utilizada e sua distribuição segundo as tarefas agrícolas.

O TRABALHO, RELAÇÃO ENTRE OS HOMENS

A Divisão Social do Trabalho

Observando os gráficos apresentados podemos constatar que existe uma divisão de trabalho segundo a idade do indíviduo. Existem certas tarefas que são executadas quase que exclusivamente por crianças (quando na unidade doméstica não há crianças, estas tarefas são abandonadas). Na medida que as crianças crescem elas vão desempenhando tarefas mais pesadas. No caso dos rapazes, chegam ao trabalho de lavoura entre os 12 e os 15 anos de idade. O aprendizado da lavoura e do transplante (para o rapaz e a menina respectivamente) representa, na nossa opinião, o acesso do indivíduo ao estatuto de produtor propriamente dito (pessoa "economicamente ativa").[14]

Podemos também perceber, através dos gráficos, que existe uma divisão do trabalho segundo o sexo do indivíduo. Assim, os trabalhos dos diques, a colheita, o debulho, mas sobretudo o trabalho de preparação do solo são tarefas masculinas. E, se atribuímos tanta importância ao preparo

12 O prestígio é um fator de grande importância numa sociedade sem desigualdades explícitas. Confessamos não conhecer muito bem as razões que determinam o maior ou menor prestígio de um agricultor.

13 A questão da mão de obra "de fora" será tratada no próximo parágrafo.

14 Chegar a ser produtor não implica ser considerado adulto, na sociedade balanta. Chegar a ser adulto implica em outros aprendizados, longos e, por vezes, penosos.

do solo, é porque ele justifica, no universo de representações balanta, o acesso à terra. Uma mulher não pode ter um arrozal porque "ela não prepara o solo".

A instalação do arroz no arrozal (arranque, transporte e transplante propriamente dito) assim como o transporte são tarefas essencialmente femininas[15].

Tarefas das Crianças: Vigiar (viveiros e arrozais); amassar e alinhar as ervas derrubadas pela primeira lavoura; às vezes ajudam nas capinas, no arranque das plantinhas de arroz nos viveiros, etc.

Tarefas Masculinas: A preparação do solo (incluindo a preparação do solo do viveiro); trabalho dos diques (construção e conservação); colheita; debulho.

Tarefas Femininas: Instalação do arroz no arrozal (arranque das plantinhas e transplante); transporte; joirar; capinas quando necessário.

Mas esta divisão do trabalho por sexo não é absoluta. Por exemplo ela não comporta tabus (ou não comporta tabus que proíbem aos homens realizar trabalhos "femininos"). Os gráficos antes apresentados demonstram isto claramente. É frequente ver os homens participando nos trabalhos de transplante ou transporte, por exemplo. Mas nós nunca vimos uma mulher trabalhando na construção e/ou conservação dos diques e, sobretudo, nunca vimos uma mulher lavrar a terra. A simples idéia de ver um mulher trabalhar com o "kebindé" é um absurdo para o homem balanta, já que "a mulher não tem força suficiente" para este trabalho. Porém, se comparamos as possibilidades físicas de uma jovem adulta com as de um adolescente que começa a trabalhar com o "kebindé", podemos duvidar desta interpretação. Mas, será que isto nos permite falar de uma proibição?

Nossa pesquisa nos permite afirmar que não há, na sociedade balanta estudada, uma verdadeira divisão social do trabalho, que ultrapasse o nível familiar, no que diz respeito à produção de arroz. Cada família realiza o conjunto dos trabalhos que são necessários para cultivar os seus arrozais.

Não há uma divisão do trabalho colocando de um lado aqueles que possuem meios de trabalho e que não trabalham, e do outro aqueles que não possuem meios de trabalho e que devem utilizar meios de trabalho alheios para sobreviver. A construção dos instrumentos, acessível a todos, e um sistema fundiário que garante, em princípio, o acesso à terra a todo homem adulto, são os mecanismos que garantem, por enquanto, essa situação.

15 Neste trabalho consideramos o arroz em casca como o produto final. Não tomamos em consideração o trabalho que é necessário ainda para que o arroz possa ser consumido (pilagem e cocção). Estas duas tarefas são ainda trabalhos desempenhados pelas mulheres.

Porém, cabe perguntar se isto permanecerá assim. Com efeito, certos indícios nos fazem duvidar. Por exemplo, o fato de que alguns donos de arrozais "absenteistas" os fazem cultivar por grupos de trabalho, enviando dinheiro algum parente, que "gere" as terras do agricultor ausente[16]. Será isto um sinal precursos de outras mudanças?

O Trabalho e a Unidade de Produção: a Mobilização de Mão de Obra

O trabalho concreto, realizado na unidade de produção, combina duas grandes categorias de mão de obra:

a) a mão de obra da própria unidade de produção, que engloba todas as pessoas que pertencem à unidade doméstica do agricultor, chefe da unidade de produção[17].

b) a mão de obra exterior à UP, constituída por pessoas que, não sendo da unidade doméstica do agricultor, vêm trabalhar nos seus arrozais. Nesta categoria devemos ainda distinguir:
— os trabalhos exteriores individuais
— os grupos de trabalho.

Tomando em conta esta subdivisão, podemos afirmar que o agricultor pode convocar, de fato, três categorias de mão de obra.

A leitura dos gráficos dos tempos de trabalho nos mostra que os agricultores só convocam mão de obra exterior para certos tipos de trabalho:

— a preparação do solo dos arrozais (1ª e 2ª lavoura);
— o transplante (às vezes o arranque);
— a colheita;
— o transporte e a arrumação do arroz colhido;
— o debulho.

A conservação dos diques[18], vigiar, capinar e em certa medida o arranque são feitas exclusivamente pela mão de obra da unidade doméstica.

16 Trata-se, em geral, de pessoas que têm um emprego assalariado na cidade.

17 A categoria de unidade doméstica ("solbá" em balanta) se define a partir de uma cozinha e de um sido. O ato de constituir sua próppria cozinha, o que dá direito a um silo, é o ato que simboliza a independência do jovem em relação ao seu "ainé" (parente de tutela) e representa também o nascimento de uma UP independente. É interessante notar, com fins comparativos que este momento não se confunde com o "fanado", momento que define o acesso à categoria de homem adulto para os balantas.

18 Todos os testemunhos colhidos sobre a construção dos grandes diques de cintura nos falam da convocação de grandes contingentes de trabalhadores, vindos inclusive de outras aldeias. Infelizmente, nós não possuimos dados concretos sobre este tipo de trabalho.

Apresentamos a continuação em gráficos elaborados a partir de dados colhidos em 5 UP[19].

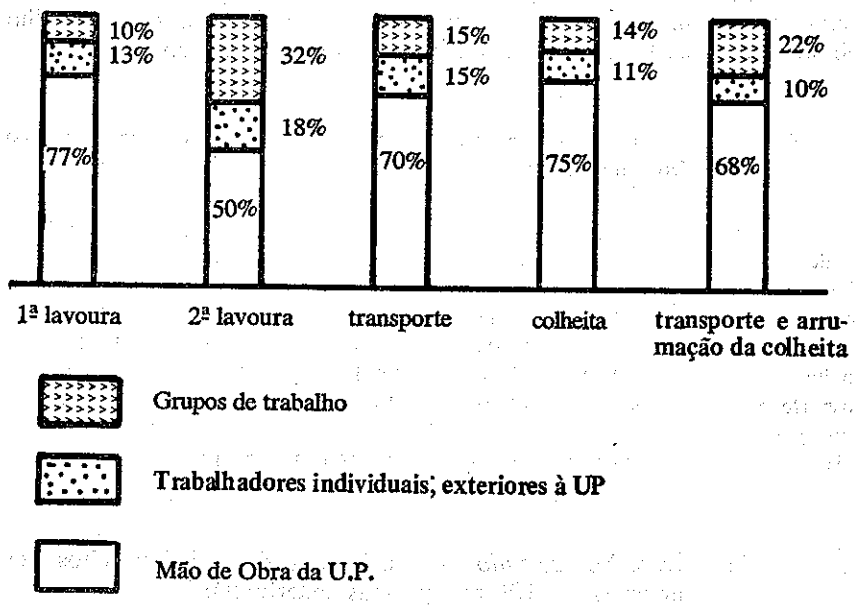
Este gráfico representa, para o conjunto de dias de trabalho dedicados ao preparo do solo, à colheita, ao transporte e arumação da colheita, das 5 UP, as proporções dos diferentes tipos de mão de obra utilizada.

Distinguimos, para a mão de obra exterior, os trabalhadores individuais e os grupos de trabalho.

Estas cifras foram calculados na base dos dias de trabalho efetivos e não a partir das superfícies trabalhadas por cada tipo de mão de obra. Devemos, portanto, introduzir uma nuance na interpretação dos dados: nós temos desprezado a questão da eficiência dos diferentes tipos de trabalho, supondo que um dia/homem de trabalho de um membro da UP é igual

GRÁFICO Nº 3

Percentagem dos três tipos de mão de obra para os trabalhos de lavoura, transplante, colheita, transporte e arrumação da colheita (para o conjunto de 5 UP).



19 Embora tenham sido feitas observações em 6 UP, nós estimamos que os dados de uma das UP de Cantone não apresentavam as garantias de uma confiabilidade mínima. Optamos por excluir os dados desta UP.

a um dia/homem de trabalho de grupo. Um estudo ulterior deverá tratar desta questão do ponto de vista das superfícies trabalhadas por cada tipo de mão de obra.

Mas, mesmo se se demonstra que um dia/homem de trabalho de grupo é mais eficiente, acreditamos que o resultado final não será muito diferente do que podemos dizer hoje, a partir dos dados colhidos. Queremos insistir sobre a importância da mão de obra da UP. Uma hipótese nossa é que o dinamismo e a prosperidade da UP dependem fundamentalmente desta.

A análise do material colhido no campo nos deixou a impressão que é necessária a mão de obra própria para poder aproveitar bem a mão de obra exterior, sobretudo se se quer que os grupos venham nos momentos ótimos do ponto de vista do ciclo agrícola.

Até agora só falamos do que acontece nas terras da UP. É preciso lembrar que as UP que recebem dias de trabalho deverão também fornecer dias de trabalho a outras UP. Isto produz uma redistribuição da mão de obra em diversas escalas, desde uma redistribuição no seio de uma "morança", até uma redistribuição entre várias aldeias, às vezes bastante distantes entre si. Assim, por exemplo, uma UP de Cantone convidou um grupo de trabalho da aldeia de Areia, que se encontra a uns 15 km de distância de Cantone. Ainda nós não temos uma compreensão dos mecanismos de redistribuição ao nível da aldeia, muito menos ao nível regional. Apresentamos aqui uma tabela comparando, por UP, os dias de trabalho recebidos e os dias fornecidos, especificados por tipo de trabalho.

Tabela nº 1 — Trabalho recebido e fornecido por tipo de trabalho e por UP (ano agrícola de 1982).

U.P.	C 1		C 3		M 1		M 2		M 3	
Tipo de Trabalho	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
Preparo do solo	38	14	29	11	20	15	17	10	24	02
Transplante	05	11	22	06	11	18	10	01	11	17
Colheita	13	5,1/2	08	14	08	12	05	—	07	01
Transporte e Arrumação	13	05	12	03	13	13,1/2	15	03	12	14
Totais	69	35,1/2	71	34	52	58,1/2	47	14	54	34

A: trabalho *recebido* pela UP (dias de trabalho feitos nos arrozais da UP por pessoas exteriores);

B: trabalho *fornecido* pela UP (dias de trabalho dos membros da UP realizados nos arrozais de outras UP).

É provavelmente arriscado somar assim os dias recebidos e os dias fornecidos para os diferentes tipos de trabalho, mas constatamos nesta soma que somente uma das 5 UP levadas em conta forneceu um pouco mais de trabalho do que recebeu. Todas as outras, ao contrário, receberam muito mais do que forneceram. Mesmo se devemos introduzir nuances por tipo de trabalho, segundo seja uma tarefa masculina ou feminina, etc., temos de admitir que não é possível que todas as UP sejam "deficitárias". Devem existir compensações, mas, qual o nível: "bairro", aldeia, região? Temos aqui outra pista para pesquisas futuras.

Um elemento importante para a compreensão deste problema poderia ser o fato de que a troca de dias de trabalho muito raramente incluem os homens adultos, chefe de UP. São os jovens que vão trabalhar no exterior, e são geralmente jovens que vêm trabalhar nas terras da UP. Daí é provável que uma UP onde tenha mais de um jovem forneça mais trabalho do que receba...

O Acesso à Mão de Obra

Enquanto que, nas sociedades capitalistas ocidentais, o acesso à mão de obra é realizado quase que exclusivamente pelo mecanismo do assalariamento, as unidades de produção (UP) de Mato Farroba e Cantone têm acesso à mão de obra graças a três mecanismos diferentes. É justamente a existência destes três mecanismos diferentes de acesso à mão de obra que justifica a distinção que fizemos entre os diferentes tipos de mão de obra.

Pertencer à unidade doméstica implica em trabalhar nas terras da UP. O chefe da UP trabalha nas suas terras evidentemente, mas também os jovens, mulheres e até as crianças têm a obrigação de trabalhar.

Assim, por exemplo, um jovem pode ter uma parcela, dada pelo pai como primeiro elemento do seu futuro arrozal. O jovem cultiva esta parcela para si. Mas o trabalho nas terras da UP será sempre prioritário, podendo trabalhar na parcela própria nos tempos "livres".

Também podemos exemplificar a obrigação da mulher trabalhor nas terras da UP: é costume a mulher visitar o pai dela no momento do debulho, ajudando neste trabalho. Neste caso recebe uma quantia de arroz para o seu usufruto pessoal. Mas a mulher só fará esta visita se a sua ausência não atrapalhar o andamento do trabalho na UP do marido.

Vemos então que UP passa sempre à frente dos interesses individuais dos membros da unidade doméstica.

A UP pode se beneficiar do trabalho de pessoas estranhas à unidade doméstica. Um primeiro mecanismo que organiza o acesso a este tipo de mão de obra é a reciprocidade.

Com efeito, é comum verificar que pessoas amigas ou parentes vêm "ajudar" o agricultor na preparação do solo, na colheita. Fica subenten-

dido que o agricultor irá "ajudar" o seu amigo quando seja necessário. Porém, a reciprocidade aqui referida não é estrita. Não há uma contabilidade de dias trabalhados.

Existe ainda o mecanismo dos grupos de trabalho.

Os Grupos de Trabalho

Nossa pesquisa de campo mostrou que os grupos de trabalho representam uma parte significativa da mão de obra. Tentaremos descrever os diferentes tipos de grupos de trabalho que podem existir numa aldeia e o seu modo de funcionamento.

Podemos distinguir diversos tipos de grupos de trabalho:

a) Os grupos (masculinos) de jovens que podem se organizar segundo critérios de "classes de idade"[20] ou critérios de aliança entre família estendidas.

Cinco classes de idade são convocadas, àquelas que precedem o fanado: — N'cuman, N'ghaê, N'ghês, Thom, Bigod'n[21].

O grupo dos N'cuman se organiza exclusivamente segundo o critério de classe de idade. Os grupos N'ghaê, N'ghês, Thom e Bidog'n podem se estruturar segundo o critério da classe de idade (constituindo assim o grupo de todos os N'ghaê da aldeia, por exemplo), ou segundo o critério de aliança entre famílias estentidas: juntam-se então, para formar um grupo de trabalho, os N'ghês, Néghês e Thom de várias "moranças"[22].

É importante notar que não é ao acaso que as "moranças" se juntam para formar um grupo de trabalho.

20 A sociedade balanta se encontra organizada em grupos de jovens de uma mesma faixa etária, que denominamos classes de idade. Estes grupos funcionam com uma lógica própria, tendo funções pedagógicas: cada classe de idade se encontra sob a tutela de classe de idade imediatamente superior e é esta a encarregada de velar pela aprendizagem dos menores. A passagem de uma classe de idade para outra é sempre marcada por ritos, o mais importante dos quais sendo o "fanado" (rito de circuncisão) que marca a passagem do homem para a fase "adulta" da vida. Cada fase tem o seu nome específico. As mulheres também estão organizadas em classes de idade, o rito do casamento sendo o sinal de tornar-se adulta.

21 A participação dos Bidog'n, em geral homens adultos, não é sistemática apesar de muito procurada pelos "empregadores".

22 "Morança" palavra do crioulo da Guiné que designa o grupo de casas habitadas por famílias ligadas por laços de parentesco.

21 Esta "dívida" pode ser contraída em nome do grupo. É prática frequente o grupo receber o "pagamento" de trabalho por adiantado, na época seca anterior. Neste caso trata-se, geralmente, de um porco que será sacrificado numa das festas organizadas pelo grupo.

b) Os grupos de mulheres casadas que se organizam segundo critérios de aliança entre "moranças";

c) Os grupos de meninas que formam um grupo único por aldeia.

Não é difícil entender o tipo de recrutamento dos grupos de classes de idade: o simples pertecer à classe de idade faz com que o indivíduo seja "recrutável".

É mais difícil, para nós, definir a aliança entre "moranças" acima mencionada. Pensamos que as "moranças" que se juntam para formar um grupo de trabalho têm certas afinidades, sendo que a união não é feita ao acaso. A hipótese mais atrativa é que a vizinhança, que definiria "bairros" na aldeia, é a afinidade maior. É também provável que existam laços de parentesco mesmo longíquos que reforçam (ou dominam) estes laços de vizinhança. Infelizmente o estado da nossa pesquisa não nos permite ir além destas hipóteses de trabalho.

Um agricultor, chefe de UP, que deseja obter os serviços de um grupo entra em contato com um de seus membros que será o delegado encarregado das relações entre o agricultor e o grupo. A escolha dos delegados pode ser feita por diferentes razões. Por exemplo, pode ser que o delegado tenha contraído uma "dívida" com o agricultor[23]. Pode ser também que o delegado tenha uma ligação especial com o agricultor (relação de parentesco, amizade, etc.).

É interessante observar que certos agricultores, que gozam de mais prestígio na aldeia, e que têm um melhor contato com os jovens, têm mais facilidade para obter a ajuda de um grupo de trabalho. O prestígio entre os jovens é geralmente em função da generosidade do agricultor, da sua forma de receber. Mas esta generosidade, que depende dos seus meios, faz dele um homem de prestígio também entre seus iguais[24].

As decisões do grupo são coletivas. Se um dos membros entra em conflito com o grupo, ele é rejeitado. Mas isto não acontece com frequência; em geral o membro do grupo julgado em falta deve pagar multa (geralmente em aguardente de cana) proporcional à gravidade da falta. Caso o conflito não tenha solução interna, é a classe de idade imediatamente superior que se reúne para encontrar a solução.

24 O prestígio parece ser o principal critério de diferenciação social no seio de uma sociedade não estratificada de forma explícita. A noção de "riqueza" medida em arroz, mas também a importância do rebanho bovino, assim como a ordem de chegada da família na aldeia são fatores que participam na definição deste pretígio.

Qualquer que seja o trabalho do grupo, ele é sempre remunerado[25].

Os grupos de classes de idade podem ser chamados para irem trabalhar em outras aldeias da região. Estas "viagens" reúnem os grupos de trabalho maiores, sendo muito apreciados pelos jovens, já que é certeza ser bem recebidos com muita bebida e comida e noites de muita festa e alegria. Um convite feito a um grupo de outra aldeia tem sempre um custo maior para o agricultor.

A maior parte destas remuneração são usadas nas festas coletivas. As meninas podem, em certos casos, ficar com uma parte do dinheiro ganho para as despesas pessoais.

25 Damos aqui, a título de exemplo, alguns preços praticados em Mato Fanoba e Cantone na época dos trabalhos agrícolas de 1982. (Na época, o salário mínimo mensal era de, aproximadamente, 3.000 pesos).

Grupo	*Tipo de Trabalho*	*Remuneração para um grupo da mesma aldeia*
Masculino	Preparação do solo	refeição com aguardente + 1.000 pesos/dia + um porco.
	Colheita	1 balaio (com 30 kg) de arroz ou 500 pesos/dia.
	Conserto de dique	5 l. de aguardente ou equivalente em vinho (de cajú, de mel, etc.).
	Cortar o mangue	vinho
Feminino	Transplante	1.000 pesos + um porco ou um balaio de arroz.
	Transporte do arroz	600 a 1.500 pesos.
	Ajuda no Debulho	1 balaio de arroz.
De meninas	Transplante	500 pesos
	Transporte do arroz	1 balaio de arroz
	Ajuda no Debulho	1 balaio de arroz
	Cortar Lenha	100 pesos.
	Transp. de Tijolos	150 a 300 pesos
	Transp. de Palha	150 a 200 pesos

Devemos confessar ao leitor que restam uma série de pontos obscuros. Já mencionamos a hipótese sobre as alianças entre "moranças" que deve ser testada no campo. Tampouco sabemos bem como e porque o agricultor decide contratar um ou outro grupo. Observamos, por exemplo que os grupos de aliança entre morança não trabalham exclusivamente para os agricultores das moranças em questão, longe disso.

Vimos no paráguafo sobre os tempos de trabalho que nas 5 UP estudadas elas recebiam e forneciam trabalho. Isto se realiza sobretudo através dos grupos de trabalho. Emitimos a hipótese de que nem todas as UP podiam receber mais trabalho do que forneciam (como era o caso das UP pesquisadas) e que deve existir uma compensação que se realiza ao nível da aldeia ou da região. Este mecanismo amplo se apresenta então como uma troca generalizada de dias de trabalho, organizada pelo sistema de grupos de trabalho. É muito cedo ainda para podermos explicar a lógica profunda destes mecanismos. Mas podemos apontar ao fato da ligação dos grupos de trabalho com os grupos de idade, sendo estes últimos verdadeiros instrumentos da educação das crianças e jovens. Aparece assim novamente a ligação íntima da esfera da produção material com as outras esferas da reprodução social.

Conclusão

O objetivo deste trabalho era caracterizar as relações de trabalho na produção agrícola entre os Balantas da região de Tombali.

— A análise do sistema agrícola e, particularmente, dos tempos de trabalho nos forneceu os elementos para esta caracterização.

— Constatamos que existe uma divisão do trabalho segundo os sexos e a idade dos indivíduos. Por outro lado não constatamos especializações entre as famílias e, sobretudo, não encontramos famílias que recebessem uma parte da colheita sem trabalhar.

— O trabalho concreto, realizado em cada unidade de produção combina duas grandes categorias de mão de obra: a mão de obra da própria unidade de produção ("solbá" em balanta) e a mão de obra exterior. Nesta última categoria devemos distinguir ainda os trabalhadores exteriores individuais e os grupos de trabalho.

Globalmente, é mais importante a mão de obra da "solbá", que a mão de obra exterior.

— Existem três mecanismos que garantem às unidades de produção o acesso à mão de obra. Os membros da "solbá", ligados ao chefe da unidade de produção por laços de parentesco, constituem a parte mais significativa daquela.

No caso dos trabalhadores exteriores individuais rege um princípio de reciprocidade não estrito que poderíamos considerar como uma troca simples de dias de trabalho.

No caso dos grupos de trabalho, existe um verdadeiro "contrato", entre o camponês e o grupo e isto implica em um custo (em dinheiro e/ou produtos). A reflexão sobre este caso nos leva a propor a idéia de troca generalizada de dias de trabalho, onde as compensações se dão ao nível da aldeia ou mesmo da região.

Constatamos que a relação de assalariamento não existe entre os Balantas de Mato Farroba e Cantone. Isto, porém, não quer dizer que não existe uma certa monetarização nas relações de trabalho (o caso dos grupos de trabalho).

Achamos que a posibilidade de um indivíduo cultivar parcelas estando ausente, por meio de dinheiro e um parente "gestionário" pode representar um sinal precursor de mudanças maiores num futuro próximo.